



11ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS & 8º Simpósio de Pós-Graduação

PRECONCEITO E CONCEPÇÕES DO FUNK: UM ESTUDO EM PORTUGAL

Paulo Ricardo Vilela Batista¹; Elisângela Silva²

RESUMO

O Funk costumeiramente é associado ao preconceito, por ser um ritmo pertencente às periferias. O objetivo deste estudo foi explorar o conteúdo Funk, seja através da dança ou das discussões que permeiam este tema, e identificar possíveis alterações na concepção dos participantes deste estudo em relação ao Funk. Para tal, participaram da pesquisa 75 pessoas que frequentaram as aulas de Funk duas vezes por semana, durante seis meses. Como resultado foram elaboradas 17 coreografias. Sobre as mudanças na concepção em relação ao Funk, observou-se que alguns conseguiram quebrar os paradigmas do preconceito e passaram a associar este estilo musical a alegria, a cultura e a liberdade. Conclui-se o conhecimento crítico sobre um determinado estilo musical, no caso deste estudo, especificamente o Funk, é capaz desmistificar o senso comum.

Palavras-chave: Estilo musical; Dança; Discriminação.

1. INTRODUÇÃO

Ao considerar a história de qualquer cultura desde as mais remotas até os tempos atuais, podemos observar nas expressões culturais, atividades como: jogos, desportos e dança.

Para Nanni (2003, p. 7), a dança em todas as épocas da história e para todos os povos apresenta-se como a representação de suas manifestações, de seus estados de espírito, permeando suas emoções, expressões e a comunicação do ser com suas características culturais.

A dança como um dos conteúdos da Educação Física está inserida nas manifestações da cultura corporal de movimento, que tem como característica expressão e comunicação através de gestos e que consiste em permitir ao indivíduo expressar-se criativamente, sem exclusões, convertendo esta linguagem corporal transformadora e não reprodutora (NANNI 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), retrata que a dança, de um modo geral, é extremamente importante como meio de diálogo, de reflexão e de possibilidades de revisão de conceitos, pois o respeito a si próprio e ao outro está presente em sua prática, que traz aprendizados que podem levar a transformações, reafirmações, concepções e princípios, na busca de uma construção mais significativa de nosso código de valores, assim se faz com o conteúdo Funk.

Segundo Vianna (1987), o Funk possui a mesma origem do rap que vem da música negra americana, que agrupou a sonoridade africana, aperfeiçoada no ritmo e na tradição oral. O Funk extremou o estilo musical do Soul, aplicando ritmos mais caracterizados e arrumações mais

¹Discente, IFSULDEMINAS - Campus Muzambinho. E-mail: paulorvb.1402@outlook.com

²Orientador, IFSULDEMINAS - Campus Muzambinho. E-mail: prof.elisangelasilva@gmail.com

agressivas, difundindo-se para outros países (VIANNA, 1987).

No Brasil, para Bregolato (2006), o Funk está qualificado como uma dança contemporânea que se disseminou nos bailes da periferia tanto no Rio quanto em São Paulo.

Diante desta perspectiva a presente pesquisa tem como objetivo explorar o conteúdo Funk, seja através da dança ou das discussões que permeiam este tema, e identificar possíveis alterações na concepção dos participantes deste estudo em relação ao Funk.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo é de cunho qualitativo pois, segundo Minayo (1994, p. 22), trabalha com o “universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Quando o pesquisador opta por realizar um estudo que não considere a quantidade de dados como fundamental, ele estará optando por uma pesquisa qualitativa que, segundo Campos (2000), fundamenta-se em uma estratégia baseada em dados coletados em interações sociais ou interpessoais, analisados a partir dos significados que sujeitos e/ou pesquisador atribuem ao fato.

Participaram da pesquisa 75 pessoas que frequentaram as aulas de Funk no Instituto Politécnico de Bragança (IPB) de diversas nacionalidades: brasileira, russa, portuguesa, africana, chinesa, mexicana, polonesa e espanhola. Inicialmente foram criados dois grupos, um com 40 pessoas e o outro com 35 participantes, que desenvolviam as atividades propostas duas vezes por semana, durante seis meses.

As intervenções consistiam de aquecimentos; seções em dupla, trios e grupos, onde, estes tinham que elaborar suas próprias coreografias. Havia um momento durante a realização das atividades que era destinado as discussões sobre questões sociais, preconceito cultural e eram apresentados alguns relatos de experiências, sempre com a temática que envolvia o Funk.

Os critérios de inclusão foram: (a) pessoas que estudam no IPB; (b) frequentar as aulas de Funk; (c) assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE.

Ao final do semestre os alunos responderam uma única questão aberta que fundamenta esse trabalho: A partir das intervenções voltadas para o Funk, o que mudou na sua concepção em relação a este estilo de dança?

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a intervenção, nas aulas iniciais, foi mostrado alguns cantores de Funk e suas respectivas músicas. Foi proposto para os alunos que levassem algumas composições que gostariam que fossem trabalhadas durante as aulas.

Foi proposto trabalhos em grupo, onde os participantes criaram suas próprias coreografias, as quais foram passadas para os demais colegas. Durante todo o processo de construção coreográfica, obteve-se um total de 17 músicas coreografadas. Diante da repercussão regional das atividades desenvolvidas pelo grupo, este recebeu convites para realização de cinco apresentações culturais.

As respostas mais relevantes da questão aplicada aos participantes desta pesquisa, serão apresentadas na sequência, sendo que para preservação da identidade dos mesmos, os nomes foram substituídos pela letra A acrescida de um número.

Analisando as respostas a pergunta “a partir das intervenções voltadas para o Funk, o que mudou na sua concepção em relação a este estilo de dança? ”, pode ser observado que na maioria dos relatos, o Funk apareceu como uma forma de diversão e alegria, como descrito por A34: “era um ambiente extremamente alegre com uma energia maravilhosa”. Segundo A19: “o Funk trouxe energia ao meu intercambio e a coragem de encaixar a minha maior alegria na minha rotina cansativa.”. Para A49: “nas aulas, os alunos brasileiros são de diversos estados, todos envolvidos pelos ritmos, e isso me faz lembrar da alegria e da diversidade do meu povo”.

Outro ponto importante identificado nas respostas é a respeito da cultura. De acordo com A1: “vi que esse estilo representa a identidade de um grupo grande lá no Brasil e que faz parte da cultura deles. Entendi que a cultura nunca deve ser banalizada por outros grupos porque está ligada a identidade, e porque a meu ver não existe cultura melhor que a outra, apenas cultura.”.

Sabe-se que o Funk é alvo de preconceito, e está associado a sexualidade (TROTТА, 2016). Sobre esta temática, A7 relata: “percebi um certo preconceito de algumas pessoas quando eu comentava que ia para as aulas de Funk, as vezes até colocavam minha sexualidade em questão”.

Infelizmente o machismo ainda perpetua na letra de muitas músicas desse estilo musical (LOPES, 2017). Esta afirmativa também foi presente na resposta do participante A14: o qual expõe que, “através das aulas de Funk eu consegui quebrar muitos preconceitos com esse estilo musical e de dança, principalmente por conta das letras das músicas que por vezes acho machista”.

Por fim, foram identificados alguns relatos sobre mulher no Funk. Para A45 “as aulas me ensinaram que o preconceito que eu sentia não fazia mais sentido. Eu sou da COHAB da cidade de São Paulo e convivi com o baile Funk, onde eu via meninas grávidas e pessoas usando drogas, era um ambiente muito hostil. Eu não via o Funk da forma que vejo hoje, um ambiente alegre, divertido e animado”. Mas de acordo com A51, “as aulas de Funk serviram para eu mesma tirar o preconceito que eu tinha sobre esse estilo musical, que mesmo a letra não tem um significado muito profundo ou intelectual, ela pode contribuir para a mulher (por exemplo no meu caso) sentir se livre para dançar do jeito que achar melhor e sem aquela imposição de mulher recatada e do lar que não pode rebolar”.

4. CONCLUSÕES

Ao final deste estudo conclui-se que foi possível explorar os conteúdos do Funk através da prática da dança e das discussões que compunham as aulas. Observou-se também uma mudança de paradigma de parte dos participantes do estudo, onde no lugar do preconceito, a alegria, a cultura e a liberdade foram relacionadas a este estilo musical. Portanto, o conhecimento crítico sobre um determinado estilo musical, no caso deste estudo, especificamente o Funk, auxilia na desmistificação do senso comum.

5. REFERÊNCIAS

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2006.

CAMPOS, G. W. S. **O anti-Taylor e o método Paidéia: a produção de valores de uso, a construção de sujeitos e a democracia institucional**. Tese de livre-docência. Campinas/SP, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP), 2000.

LOPES, R. **O racismo que persegue o funk e ultrapassa o ritmo**. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/18/o-racismo-que-persegue-o-funk-e-ultrapassa-o-ritmo/>. Acesso em: 09 ago. 2019.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

NANNI, D. **Dança educação, pré-escola a universidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2003. p.7-79.

NANNI, D. **Dança educação, princípios métodos e técnicas**. 2.ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998. p.8.

S. E. F. (Secretaria de Educação Fundamental) BR. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 1998.

TROTTA, F. C. **O funk no Brasil contemporâneo: Uma música que incomoda**. Latin American Research Review, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p.86-101, jan. 2016. Disponível em: https://lasa.international.pitt.edu/auth/pub/Larr/CurrentIssue/51-4_86-101_Trotta.pdf. Acesso em: 09 ago. 2019.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1987.